

Fazer Arte, pensar Arte, viver Arte. Este é um compromisso de várias pessoas ao redor do globo; comprometimento sério e levado às últimas consequências! Seja em tempos pacíficos, ou em momentos de adversidade, a arte irrompe encontrando brechas, vaza pelas frestas e, por vezes, de maneira súbita, inesperada, aparece e ocupa seu lugar. É com este engajamento com a arte que lançamos nosso número 7 da revista Arteriais. Em um cenário em que vários países do mundo optaram por governos de extrema direita, o conhecimento, a arte e o humanismo precisam criar potência para seu existir. Este papel de tocar, despertar, propor sanidade e transformar parece ser uma missão.

Nesta sétima edição apresentamos nosso primeiro dossiê: *Arte como? Engajamento político ou Função Estética?*, editado por Ana Flávia Mendes Sapucahy, que propõe refletir acerca do papel político da arte, seus embates estéticos e éticos. Distintos mecanismos de agenciamento aparecem nas várias questões apresentadas nos artigos de Luis Alberto Brandão, Maria Fernanda Rosalem, Fernanda Grigolin, Maria Jucilene Silva Guida de Sousa, José Ruy e Juliana do Rego, Roseane Santos, Paulo César Sousa Dos Santos Junior e Paulo Roberto Santana Furtado, Andrea Flores, Edson Fernando e Augusto Jones, Priscila Romana Moraes de Melo, Waldete Brito e Gesiel Leão. Corporeidade, educação, feminismo, poéticas e posicionamentos de corpos-políticos se fazem presentes.

Na seção Portfólio trazemos uma artista cujo posicionamento na arte e na vida se faz bem definido: Camila Soato olha para as pequenas coisas do cotidiano, o abjeto, as pulsões, os “estranhos” prazeres, a história recente e o passado colonial; a memória de um país. Mete o dedo na ferida, brada pela liberdade dos corpos, pela existência em sua estética da Fuleiragem e desestabiliza os olhos e a mente.

Na seção de artigos, Cinthya Marques do Nascimento em *Uma coleção de castanheiras possíveis*, aponta sua visão para as castanheiras do sul e sudeste do Pará, em especial para a região

de Marabá, onde um ciclo intenso de exploração da castanha-do-Pará ocorreu décadas atrás e hoje estas árvores figuram em listas das ameaçadas de extinção por conta da larga atividade agropecuária. A pesquisadora irá olhar para uma coleção de obras nas quais a imagem da castanheira aparece enquanto memória coletiva da região. Toma parte no processo, não só como observadora, mas como participante, registrando seu próprio percurso ao olhar para essas gigantes da floresta, hoje solitárias nos pastos. Joaquim Augusto Souza de Menezes irá se concentrar nos processos educacionais em *Perspectivas para uma educação inclusiva: um olhar pontual por meio da utilização de recursos tangíveis e intangíveis*, ao debruçar-se sobre leis e decretos para tentar perceber os meandros e sutilezas presentes no intervalo entre as normatizações e as práticas dos processos de ensino inclusivo. No artigo *Fabricar a memória da violência: imagens do massacre de Eldorado dos Carajás na arte contemporânea*, Gil Vieira Costa falará sobre os processos de criação artística tomando como ponto capital o Massacre de Eldorado de Carajás (1996), no sudeste do Pará. Ao olhar para cinco obras criadas a partir da chacina e relacionar com a memória e a brutalidade do fato, evidencia estratégias presentes em cada uma destas, percebendo a construção do discurso proposto, sinalizando os posicionamentos presentes no que tange a elaboração e a dissolução de imagens do evento violento. Em síntese, Vieira da Costa reacende a questão da violência e o papel da arte como reação aos processos colonialistas brutais que afetam a região Norte.

Cláudia Silvana Saldanha Palheta em *A obra de Hassis como sintoma do sujeito dialético, engedrando novas conexões fora de seu espaço e tempo* irá lançar seu olhar para o sul do país, partindo de *Vento sul com chuva* (1957), do artista catarinense Hassis (1926–2001) e do pensamento de Didi-Huberman e de Walter Benjamin para articular questões da imagem e memória no acervo do artista que passou sua vida a ordenar e reorganizar seus arquivos. A pesquisadora inter-relaciona em seu discurso o trabalho do artista

com a produção de Luiz Braga e Susano Correia, entre diferenças e similitudes, bem como sua própria desterritorialização, em fluxo do norte ao sul do Brasil, entre estranhamentos, memórias realidades e reconhecimentos.

Em *O discurso comunista no construtivismo russo: a arte a serviço da propaganda ideológica*, José Flávio de Almeida e André Kettelhut lançarão mão da análise do discurso para olhar para o Construtivismo Russo e sua importância no período Lênin–Stálin enquanto mecanismo de demarcação ideológica. Para isso, articulam o pensamento de Michel Pechêux, entre um momento mais idealista e sua perspectiva mais madura em que aponta a incompletude da linguagem e as tensões entre ordenação do construtivismo e rupturas ocorridas na memória coletiva. Já John Fletcher em *Historiografia dos decolonialismos para o ensino/aprendizagem em artes visuais* irá encadear uma linha do tempo para o pensamento decolonial na América Latina, dando ênfase para a Amazônia paraense e direcionando esta para uma possibilidade de ampliação do campo de debates no âmbito do ensino–aprendizagem, articulando um conjunto de pensadores com formações diversas quem contribuem para um olhar atento aos processos colonialistas que assolam a América Latina, fomentando a criticidade de estudantes e pesquisadores na construção de um escopo minucioso para os processos que se impõem nas periferias do sul global. Também com uma perspectiva decolonial, Luzia Gomes Ferreira irá delinear em *Grada Kilomba e Rosana Paulino: duas pérolas negras atlânticas à beira do Tejo – lembranças do olhar, do escutar e do observar*, seu olhar de “visitante–poeta” sobre exposições da portuguesa Grada Kilomba e da brasileira Rosana Paulino, problematizando arte, racismo e local de fala para refletir sobre as duas margens do Atlântico. Com uma perspectiva afirmativa, Gomes traça seu percurso sensível e político, memórias e reflexões sobre a presença de duas artistas negras no espaço hegemônico das artes visuais em Lisboa, que são o mote para falar de subjetividades, percepção de mundo, colonialismo, liberdade e descolonização dos corpos para uma vida na qual a poesia pode ser uma estratégia revolucionária.

Finalizamos a revista com o ensaio de Adrián Cangi *Algunas fórmulas de los lenguagens de las artes que modificaron el pensamiento contemporáneo*, que aborda modos de instauração de pensamento crítico através de processos de construção de artistas, seus territórios simbólicos, seus compromissos com a arte e suas formas de estar no mundo em performatividade. São ações, intervenções, texto e imagens que revelam maneiras singulares de estar no mundo em estado de criação, em potência de criação.

Os editores

Belém do Pará, inverno de 2018.

Todos os esforços foram feitos para contactar com os detentores dos direitos das imagens. Em caso de omissão, faremos todos os ajustes possíveis na primeira oportunidade. Esta é uma publicação sem fins lucrativos, e encontra-se livre de pagamentos de direito de autor no Brasil, protegida pela Lei Nº 9.610, Título III, Cap. IV, Art. 46, Inciso VIII.

©Todos os direitos e responsabilidades sobre as imagens e textos pertencem aos seus autores